

O ARTESANATO TRADICIONAL COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO RURAL: ilustração da cestaria da Grande Cabília (Argélia)

ANDRÉ JOYAL¹ & KAHINA CHERIFI²

¹*Université Du Québec à Trois-Rivières, Québec, Canada, andre.joyal@uqtr.ca*

²*Université Mouloud Mammeri, Tizi-Ouzou, Argélia, kahina.cherifi15@yahoo.com*

Revista Maestria, v.17, p. 57-67, 2019

RESUMO - O artigo abordou o subsistema de contexto, focando os componentes espaciais de um dado ambiente em relação a qualquer localização de empresas artesanais. O interesse da abordagem espacial é explicado pelo fato de integrar muitos componentes. Qualquer criação ou inovação está relacionada a um território com características específicas: população, fatores urbanos ou rurais, recursos financeiros, renda, fatores culturais das redes sociais, instituições políticas, econômicas, sociais, etc. Estes são todos os elementos que fazem entender o pleno interesse do estudo do mundo do artesanato visto do ângulo da dinâmica territorial. O empreendedor não pode agir isoladamente; estamos tentando demonstrar isso através do caso dos artesãos de Ain Meziab, onde falta inovação e o caso Assi Youcef, onde se observa a contribuição da inovação social. Ambos estão localizados no wilaya de Tizi-Ouzou (Argélia).

Palavras-chave: Ain Meziab e Assi Youcef (Argélia). Empreendedorismo. Proximidade. Redes. Tecelão artesanal.

TRADITIONAL HANDICRAFT AS A FACTOR FOR RURAL DEVELOPMENT: illustration of basketry from the Greater Cabília (Algeria)

ABSTRACT - The article addresses the context subsystem, focusing on the spatial components of a given environment concerning any location of craft companies. The interest of the spatial approach is explained by the fact that it integrates many components. Any creation or innovation is related to a territory with specific characteristics like population, urban or rural factors, financial resources, income, cultural factors of social networks, political, economic, social institutions, etc. These are all the elements that make us understand the full interest of studying the world of craftsmanship from the perspective of territorial dynamics. The entrepreneur cannot act in isolation. The study demonstrates a lack of innovation through the case of the artisans of Ain Meziab, and the story of Assi Youcef, where the contribution of social change is observed. Both are located in the district of Tizi-Ouzou (Algeria).

Keywords: Ain Meziab, and Assi Youcef (Algeria). Entrepreneurship. Proximity. Networks. Handmade Weaver.

INTRODUÇÃO

Qualquer criação ou inovação está relacionada a um território com características específicas: uma população, fatores culturais, redes sociais, instituições políticas, econômicas, sociais, etc. Estes são todos os elementos que

fazem entender o interesse do estudo do mundo do artesanato visto em termos de dinâmicas territoriais. O artesão, para prosperar, não pode agir isoladamente. Tentamos demonstrar isso com a referência ao desenvolvimento rural proposto por Campagne e Pecqueur (2014), que consideram outro tipo de desenvolvimento, dado

que a agricultura e a pecuária não são mais as mesmas apenas para marcar os processos de desenvolvimento das áreas rurais e sociedades afins. Abundamos nesse sentido, admitindo que o recurso territorial não existe a priori, pois resulta das intenções dos atores, sendo a criação dependente da ação. Para o setor de cestaria estudado em dois vilarejos da Cabília, tomamos emprestado o conceito de "renda territorial" que expressa a pertença de um produto ou serviço a um determinado território, dando-lhe sua especificidade. (CAMPAGNE; PECQUEUR, 2014). Estes são dois estudos de caso que destacam, por um lado, os fatores de falha num vilarejo, o de Ain Meziab (Thadarth ikechwalen), onde os artesãos são deixados à sua própria sorte e, por outro lado, os fatores de sucesso no segundo são o vilarejo de Assi Youcef (Ait Voughardhan), que se beneficiou da inovação social no âmbito do projeto-piloto de codesenvolvimento solidário (CODESOL) com os fabricantes de cestos de tecelagem.

Quanto a toda a Grande Cabília, estes dois vilarejos têm a sua própria cultura numa terra de resistência a ondas de sucessivas conquistas e mantiveram uma forte identidade ainda hoje visível. Essa identidade é refletida em particular pelo artesanato enraizado na cultura local. Esse artesanato requer suporte para permitir seu verdadeiro desenvolvimento em fundações sólidas. O artesanato tradicional sempre desempenhou um grande papel econômico e social. Em um território montanhoso que oferecia apenas possibilidades limitadas para a expansão da agricultura, frequentemente, para a população, era um complemento de recursos indispensáveis. Para suplementar os recursos de uma terra pobre, os habitantes perpetuaram o artesanato ancestral. Parte do artesanato cabílie faz parte da economia informal, às vezes vista como uma

necessidade diante das demandas da vida cotidiana.

No entanto, como no resto do país e após o declínio da sociedade tradicional de que era a expressão, o artesanato está agora ameaçado. De fato, tem sido difícil transmitir o conhecimento ancestral de geração a geração. As transformações das estruturas sociais dos vilarejos e o abandono das referências culturais do mundo rural estão causando profundas convulsões. Essas mudanças afetam o modo de vida, produção e consumo das famílias que vivem nas montanhas. Assim, o artesanato tende a ser percebido como obsoleto e não como uma ferramenta para o desenvolvimento socioeconômico. Entendemos, então, a necessidade de adaptá-lo à evolução da sociedade, recorrendo a novas formas de fazer as coisas.

Nossa abordagem baseia-se na ideia de que as habilidades do próprio empreendedor-artesão se desenvolvem a partir da comunidade de onde ele extrai seus recursos cognitivos, emocionais e internacionais. É um saber específico de um território de pertencimento visto aqui como um sistema produtivo cuja durabilidade não escapa à necessidade de inovar, tanto no que diz respeito aos produtos como na organização de sua produção. É por isso que prestamos atenção à inovação social através de uma empresa de economia social e solidária (E.S.S.) do vilarejo Assi Youcef. Em relação ao papel das empresas do E.S.S., destacamos o uso de recursos específicos, conforme definido por Artis e Pecqueur (2018), que os veem como fontes territoriais impregnadas de uma dimensão cultural e histórica.

Por sua parte, Baudelle e Fache (2015), vendo inovação de diferentes ângulos (tecnológica, organizacional, social, criatividade), consideram que ela representa nada menos que o motor essencial da evolução dos sistemas produtivos. A ligação entre essas questões e a inovação social é feita sabendo que, para Benneworth (2015), a inovação social é um meio precioso para enfrentar os desafios do século XXI. Também encontramos o link referindo-se "[...] a novos arranjos sociais, organizacionais ou institucionais ou novos produtos ou serviços de utilidade social explícita resultantes, voluntariamente ou não, de uma ação iniciada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos para atender a uma aspiração, para atender uma necessidade, resolver um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação." (BOUCHARD *et al.*, 2016, p.135).

Consideramos aqui iniciativas com a dupla preocupação associada à inovação social: a produção de ferramentas teóricas e metodológicas e uma produção susceptível de promover a mudança social.

Com a ajuda do conceito de "recurso territorial", que testemunha a presença de atores locais em um território, questionamos a dinâmica existente em relação à valorização do saber artesanal, que é desafiado pela evolução do mercado dado a concorrência e as preferências dos consumidores. Como demonstra o caso do vilarejo de Ain Meziab, a maioria dos artesãos entrevistados reconhece a existência de produtos competitivos (especialmente produtos asiáticos). A relação preço/qualidade é geralmente desfavorável aos produtos locais desses artesãos porque os produtos que vêm do exterior se beneficiam

de uma melhor organização para o abastecimento e o marketing (JOYAL; CHÉRIFI, 2017). Utilizando uma abordagem qualitativa (HUBERMAN; MILES, 1991) com base em entrevistas semidirigidas realizadas no final de 2017 para o vilarejo de Ain Meziab e no início de 2018, para o de Assi Youcef, apreendemos a experiência dos cesteiros artesanais e a visão que eles têm do seu trabalho.

AIN MEZIAB (THADARTHIKECHWALEN): um território sem inovação social

O vilarejo de Ain Meziab é caracterizado por um verdadeiro *know-how* sob a forma de uma concentração de unidades artesanais especializadas na produção de cestaria de vime. Daí o seu nome *Thadarth ikechwalen*, que significa "vilarejo de cestos». Durante o curso de nosso trabalho de campo, nossas discussões e observações nos permitiram afirmar que o trabalho de vime está enraizado localmente. O vilarejo fica a 8 km da capital de Tizi-Ouzou, em Cabília, abrange uma área de 120 ha e tem cerca de 2580 habitantes. Para o oeste, podemos ver o perfil da montanha Djurdjura. De acordo com os moradores, Ain Meziab¹ leva o nome de uma fonte localizada na propriedade da família Mezyab. O vilarejo tem pouca infraestrutura; no entanto, há um centro de juventude (transformado em lanchonete), quatro lojas de alimentos em geral (tipo informal), uma escola primária, uma faculdade e duas mesquitas.

¹Meziav também significa "sarjeta, canal, fonte de água"

A produção de cestaria de vime baseia-se numa antiga tradição. De fato, a origem do trabalho de vime retrocede de acordo com a lenda (BENAYOU; OUSSALEM, 1990) para os anos 1860-80, quando um prisioneiro de Caiena que aprendeu o comércio na prisão, quando foi libertado, trouxe esse *know-how*.

Dadas às restrições impostas, optamos por limitar o tamanho de nossa amostra a 30 empresários artesãos no início de dezembro de abril de 2018². O levantamento realizado, por um lado, fornece dados quantitativos e qualitativos sobre o tecelão artesanal, sobre as estruturas de produção, bem como sobre seus resultados econômicos e suas relações com o ambiente profissional. Por outro lado, ela ajuda a identificar uma certa percepção do futuro em relação aos projetos de inovação em colaboração com vários atores (associações, organizações e instituições públicas), a fim de salvaguardar o *know-how* artesanal em perigo devido à escassez de matéria-prima e ao abandono desse comércio por jovens que o consideraram não lucrativo.

A pesquisa descobriu que a maioria dos cesteiros entrevistados são artesãos individuais, trabalhando em uma escala muito pequena. Eles não conhecem a fórmula cooperativa. ESS brilha pela sua ausência. O aprendizado da atividade de cestaria é feito por transmissão familiar de maneira informal. Familiarizadas com o uso e a presença da cestaria que as rodeiam em suas vidas diárias desde sempre, as crianças aprendem a trançar observando os adultos e ouvindo seus comentários, em casa, a qualquer hora do dia. A formação

profissional que pode ser fornecida por um centro de formação profissional está faltando.

Enquanto 12 fabricantes de cestas artesanais pesquisados realizam outras atividades, os outros 18 fazem sua principal fonte de renda ao lado da olivicultura de setembro a fevereiro. Possuem o cartão de artesão ou estão registrados no registro de comércio. A atividade, portanto, enquadra-se no setor informal em sua maior parte. 9 também afirmam que estão cadastrados no CASNOS³ e, portanto, se beneficiam da cobertura previdenciária.

A maioria dos fabricantes de cestas entrevistados são homens, portanto, é claro que a atividade é, nesse caso, essencialmente masculina. A força de trabalho local facilita o recrutamento de uma força de trabalho com baixos níveis de educação, mas com boas habilidades técnicas. As empresas de artesanato, portanto, se beneficiam de um ambiente favorável e não sentem a necessidade de usar políticas de treinamento para atender às necessidades de seus funcionários. A falta de inovação no processo de produção pode ser explicada pelo uso de mão de obra intensiva que é fácil de recrutar. Como o setor informal é dominante, caracteriza-se pela pequena dimensão das unidades de produção e pelo baixo capital produtivo, a que se somam a precariedade das instalações, a virtual ausência de recurso a um sistema contábil e a falta de respeito das regras profissionais, legais e fiscais.

Os artesãos dizem que não entendem o conceito de parceria, a pedra angular da ESS. Assim, os artesãos não pensam em criar uma associação ou de se encontrar na forma de uma cooperativa, um status legal que lhes

²Vários artesãos se recusaram a se submeter ao questionário.

³CASNOS: fundo de seguro para desempregados.

escapa completamente. Na verdade, o artesão, ligado à sua independência e com inveja dos segredos de seu trabalho, não pode trabalhar em um ambiente cooperativo. Como resultado, a maioria dos artesãos permanecem trancados em si mesmos. Ninguém promove oportunidades para reunir-se. Nesta ausência de solidariedade, há uma competição exacerbada entre unidades artesanais. Apesar disso, os artesãos nos revelaram ter uma cooperação informal entre eles (fala-se mais sobre ajuda mútua) para enfrentar uma ordem importante ou para a revenda de matérias-primas para os artesãos que não podem importá-las. Podemos ver na indústria de tecelagem, os relacionamentos dependem muito mais da terceirização de capacidade do que da terceirização de especialidades. Quanto às relações com as autoridades públicas, elas são praticamente inexistentes, os artesãos têm uma visão negativa do Estado, visto como o responsável por toda uma série de obstáculos (fiscais, administrativos) ao exercício de sua atividade. Finalmente, a presença de um estado ainda altamente centralizado impõe muitos limites às instituições públicas locais (câmaras de ofícios, departamento tributário, gestão de pequenas e médias empresas, centro de treinamento). As iniciativas locais, portanto, permanecem altamente dependentes do estado, apesar do desejo de descentralização que vem sendo proposto há quase vinte anos, a fim de favorecer uma abordagem de baixo para cima.

No que diz respeito à concorrência, a maioria dos artesãos pesquisados reconhece a existência de produtos concorrentes (especialmente produtos asiáticos) no mercado. A relação qualidade/preço é geralmente desfavorável aos produtos locais

dos artesãos. Isso porque os produtos concorrentes são mais bem organizados para compras e a comercialização.

Em termos de organização e fornecimentos, as deficiências são óbvias demais. A matéria-prima é insuficiente, uma minoria de artesãos a importa da China. Quanto à venda, é feito diretamente aos consumidores, ou por meios dos comerciantes que revendem os produtos para outros comerciantes. Os produtores não se beneficiam de nenhuma promoção nacional ou internacional. No entanto, a busca por parceiros locais e internacionais daria aos artesãos a oportunidade de abrir mercados externos. Uma mentalidade conservadora compromete a sobrevivência dessa cultura ancestral.

ASSI YOUCEF: a contribuição da inovação social

Assi Youcef é o nome administrativo de um município da wilaya de Tizi Ouzou, em Cabília, no pé da montanha Djurdjura, a cerca de 50 km a sudoeste da principal cidade da Wilaya, e a 100 km de Argel, via estrada leste-oeste. É conhecido em Cabília como "Ath Vougardhan", que significa "homens robustos". O município inclui 10 aldeias e tem 20.000 habitantes⁴. Com uma área de 26,28 km², caracteriza-se por relevos variados, abrigando fauna e flora rica. Ao norte da cidade, existem planícies muito extensas exploradas em particular na cultura da forragem e da olivicultura.

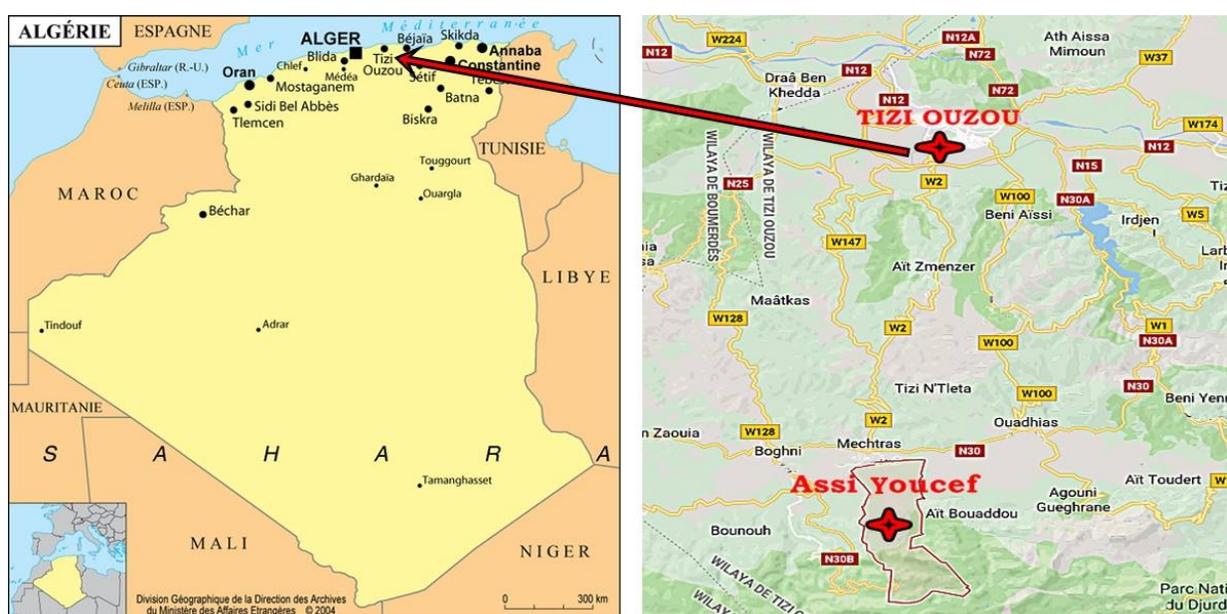
Embora o município tenha um potencial natural e humano muito

⁴Segundo os dados do Escritório Nacional de Estatísticas

significativo, sofre de um déficit flagrante em termos de desenvolvimento, haja vista que o governo central atribui pouca importância ao desenvolvimento territorial das áreas montanhosas. Assim, o município possui uma infraestrutura modesta que requer esforços de modernização. Em termos de infraestrutura escolar, o município possui um

Ensino médio, três faculdades e quatro escolas primárias. Recentemente, uma casa de jovens e uma biblioteca comunitária foram inauguradas. A atividade econômica é caracterizada pelo comércio (formal e informal) através de mercearias e um mercado improvisado de frutas e vegetais no centro. (FIG. 1)

FIGURA 1 - Assi Youcef



Fonte: Carta no 1 realizada por Remiki Houcem Eddine, 1º ano de doutoramento em Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Oran 2 (Argélia)

O Projeto CODESOL

O projeto CODESOL foi iniciado como parte do programa de patrimônio do Ministério da Cultura, liderado pela associação local de desenvolvimento solidário (ADELS) da wilaya de Tizi-Ouzou em parceria com as associações "Touiza"⁵

⁵Nos países do Magrebe, "Touiza" refere-se a uma prática ancestral de reunir esforços para realizar trabalhos de interesse geral. Este termo reflete a filosofia de nossa associação.

Solidariedade" do Ile-de-France e Marselha (França). Consiste em incentivar o desenvolvimento do artesanato tradicional Cabílie, desenvolvendo oportunidades para criar atividades geradoras de renda por meio de ações de treinamento de qualificação e com o apoio de membros da comunidade argelina residente em Île-de-France. Por conseguinte, é dado apoio específico à atualização do *know-how* tradicional e sua transmissão, assim como à adaptação à demanda atual. Essas atividades permitem

um processo que beneficia especialmente as mulheres em áreas rurais remotas. Esse projeto faz parte de uma abordagem da Economia Social e Solidária (ESS). Encoraja, de fato, a lógica empresarial a favor das mulheres através da implementação de um princípio de solidariedade coletiva, na medida em que os reembolsos de empréstimos concedidos são reinjetados no fundo de solidariedade para garantir a sustentabilidade e o desenvolvimento do projecto. Ao fazê-lo, o financiamento de outros detentores é facilitado. A cultura de solidariedade, ajuda mútua e trabalho coletivo para atividades de interesse geral faz parte da tradição e das práticas das populações de alguns municípios, ao contrário do que se observa em Ain Meziab, de acordo com o que foi especificado acima. Considerando que neste caso nós mencionamos a tiwiza. Herdada e transmitida de geração em geração, a tiwiza permite que as pessoas se apoiem e ajudem umas às outras em tarefas e situações difíceis e facilitem o melhor convívio e coesão social da comunidade.

Ao promover o desenvolvimento de atividades econômicas que geram renda no nível local, o projeto também tem um forte desejo de ancoragem territorial. Destina-se a atender as necessidades do território, promovendo o intercâmbio intergeracional através da transmissão de artesanato local. Sua abordagem faz parte do desenvolvimento sustentável nas áreas rurais, onde as mulheres não têm acesso ao mundo do trabalho. A elas são oferecidas oportunidades de emprego sustentáveis e de qualidade. De fato, através do empreendedorismo, as mulheres encontram a oportunidade de criar sua microempresa através de uma melhor

avaliação dos produtos artesanais. Ao fazê-lo, eles serão capazes de fornecer renda adicional para suas famílias, aumentando assim a qualidade de vida de todos.

Alguns Resultados da Pesquisa

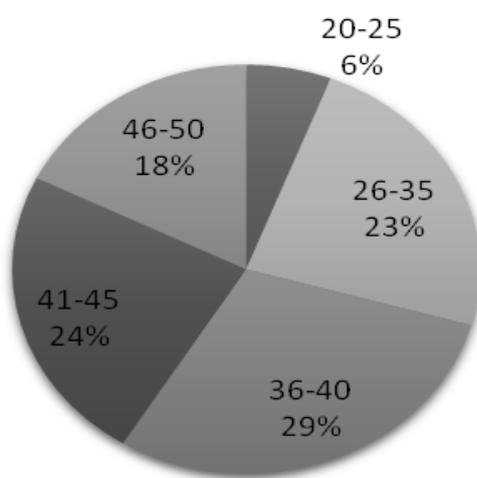
O projeto CEDESOL reuniu 17 mulheres para treiná-las e aperfeiçoá-las no campo da tecelagem fina. Restrições financeiras e de tempo nos forçaram a limitar o tamanho de nossa amostra a essas 17 artesãs. Tal atenção ao sexo pode ser explicada pelo fato de que a tecelagem fina se presta bem ao trabalho das mulheres usando apenas uma agulha e caules de alfa e ráfia seca. A alfa está disponível no Saara argelino enquanto a ráfia é importada de Madagascar. A ADELS fornece matéria-prima gratuita para fabricantes de cestos durante o programa CODESOL enquanto fornece treinamento. No final do programa, a ADELS colocará os artesãos em contato com os fornecedores, a fim de facilitar a revitalização desse patrimônio.

O GRAF. 1 mostra que a faixa etária 36-40 representa 29% do total dos pesquisados, enquanto a faixa etária 41-45 representa 24%. Sabendo que a faixa etária dos 20 aos 25 anos representa apenas 6%, há falta de interesse por parte da nova geração. De fato, as entrevistas mostraram que as novas gerações estão cada vez mais propensas a abandonar essa profissão. As razões frequentemente citadas para esse abandono estão relacionadas à taxa de escolarização avançada dos jovens, o desejo de melhorar durante o tempo livre em áreas

mais úteis, como línguas e ciência da computação, enquanto atividades tradicionais oferecem uma visão comercial desatualizada. O GRAF. 2 mostra que 23,53% das mulheres não possuem escolaridade e estão na faixa etária entre 36 e 50 anos. Isto enquanto

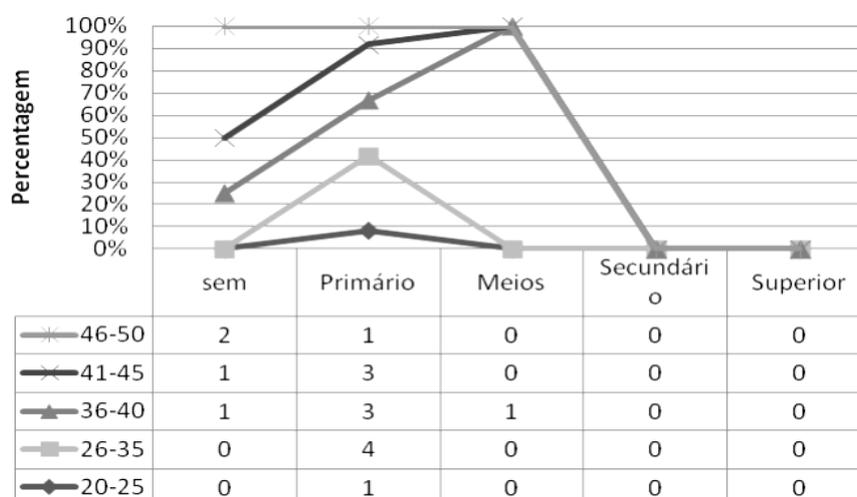
70,59%, entre aqueles com 20 e 46 anos, têm um nível primário com oportunidades limitadas de leitura e escrita. Felizmente, o aprendizado exige mais habilidades técnicas do que o conhecimento relacionado à escolaridade.

GRÁFICO 1 - Distribuição das artesãs por faixa etária



Fonte: Dados da Pesquisa

GRÁFICO 2 - O nível de educação das artesãs



Fonte: Dados da Pesquisa

Durante o projeto, a ADELS pediu apoio a uma outra associação reconhecida por suas conquistas no campo da tecelagem fina, a "ASEFRU"⁶, a qual, além de fornecer a matéria-prima e facilitar contatos com fornecedores, tem direcionado sua experiência na área de *design* para atender os requisitos da demanda moderna, a fim de penetrar no mercado local, regional, nacional e até internacional. Para conseguir isso, o acompanhamento das artesãs concentrou-se em novas técnicas, design e abordagens de gestão de microempresas em um contexto de solidariedade. Pode-se dizer que a inovação social apresentada irá facilitar o futuro, em longo prazo, da cestaria. (FIG. 2)

CONCLUSÕES

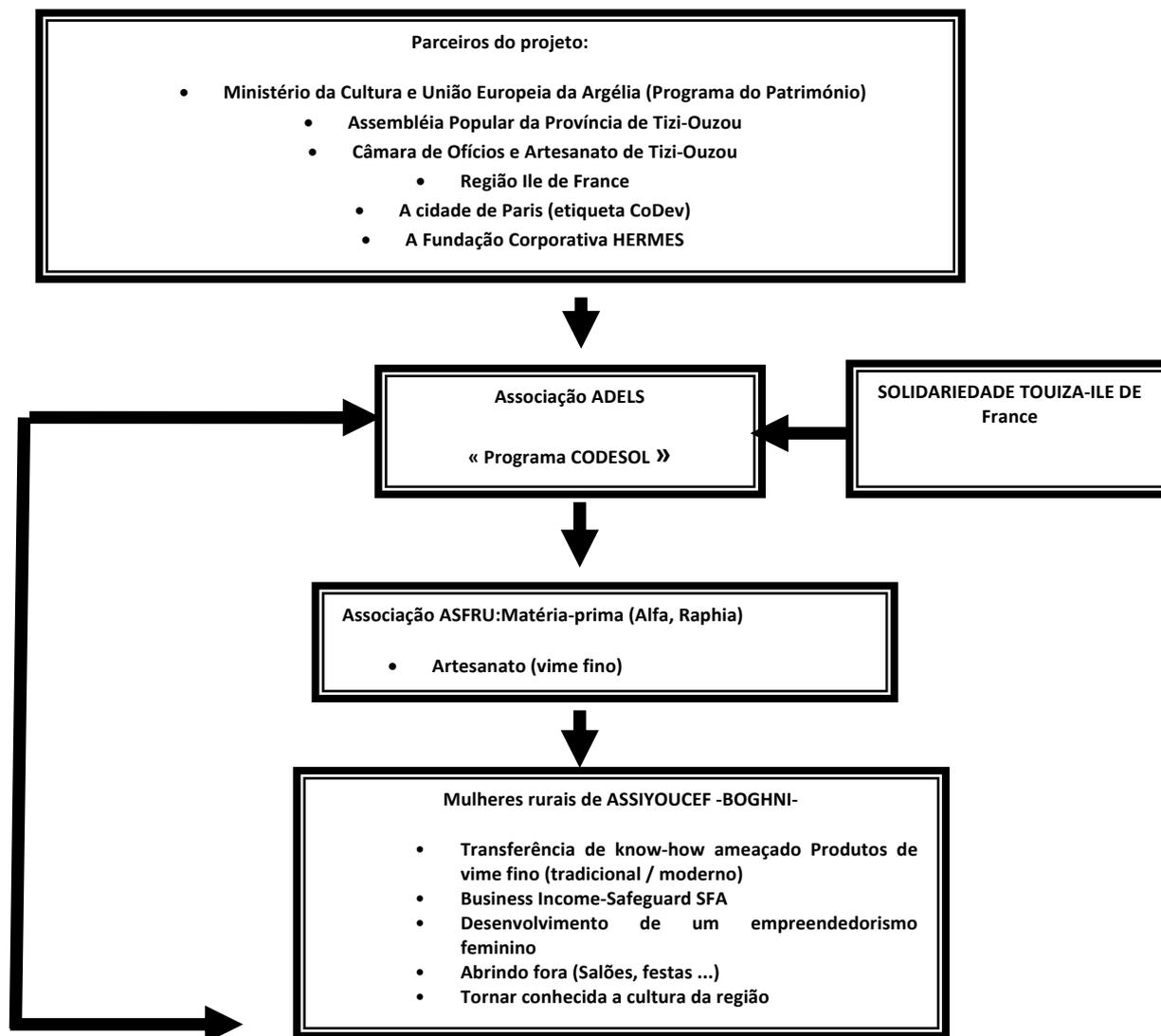
Na Argélia, o desligamento do Estado não eliminou a burocracia, as práticas de mecenato do governo e outros atrasos administrativos que constituem obstáculos às iniciativas locais. A que se somam vários elementos, tais como a complexidade do arsenal legislativo e regulamentar, a falta de apoio e fornecimento de informação para os atores locais. Um estado de coisas que promove o envolvimento no setor informal. De fato, a Argélia sofre de uma disfunção herdada do sistema socialista e acentuada por

⁶ASFRU é uma associação de mulheres rurais no município de Djemâa Sarridj da Mekla daira; entre seus objetivos a valorização e a salvaguarda da tecelagem na Grande Kabylie, já que Djemâa Sarridj é conhecida por este artesanato tradicional.

uma pletera de textos tão complexos quanto contraditórios. (JOYAL, 2009) Resta esperar que a URSS. e a conseqüente inovação social, como pode ser vista com o exemplo das artesãs de Assif Youcef, encontrará um lugar em outro lugar e terá uma influência favorável no contexto de uma economia descentralizada.

A dinâmica territorial no campo do artesanato tradicional deve ser acompanhada por todas as partes interessadas, a fim de estimular projetos inovadores para salvaguardar o conhecimento ancestral. A associação ADELS, em parceria com outros atores locais e supralocais, tem conseguido destacar as mulheres de Assi Youcef do seu isolamento e engendrar uma dinâmica territorial em nível econômico, social e cultural. No nível social, a atividade de tecelagem fina representa para essas mulheres uma forma de ganhar autonomia e estima e alcançar o bem-estar familiar e social. Em um nível cultural, essas artesãs de tecelagem contribuem para a valorização comercial e não comercial e o renascimento de um patrimônio vivo. Resta esperar que, após o encerramento deste projeto, o acompanhamento oportuno permita que as mulheres artesãs voem com suas próprias asas enquanto exercem um efeito positivo de demonstração. No caso dos cesteiros artesanais de Ain Meziab, eles poderiam organizar-se dentro da estrutura de uma associação ou cooperativa, a fim de enfrentar os diferentes problemas que ameaçam seu ancestral conhecimento artesanal.

FIGURA 2 - A inovação social gerada pelo projeto CODESOL para o benefício das mulheres rurais de Assi Youcef



Fonte: Dados da Pesquisa

REFERÊNCIAS

ARTIS, A. ; PECQUEUR, B. Comprendre la place et le rôle des entreprises de l'E.S.S. dans le développement territorial. Dans TALANDIER, M. ; PECQUEUR, B. (dir). *Renouveler la géographie économique*. Paris, France : Économica, 2018.

BAUELLE, G. ; FACHE, J. *Les mutations des systèmes productifs en France*. Rennes, France: PUR, 2015.

BENAYOU M.; OUSSALEM, M.O.. *L'artisanat traditionnel dans la wilaya de Tizi-Ouzou, la vannerie*, Centre national d'études et d'analyses pour la planification. C.E.N.E.A.P, Atelier économie et développement, Université Mouloud Mammeri Tizi-Ouzou, 1990.

BENNEWORTH, P., (2015), Social innovation futures :beyond policy panacea and conceptual ambiguity, Oslo, *TIK Working*

-
- papers on Innovation Studies*, No 201 150127, Senter for teknologi, innovasjon og kultur Universitetet i Oslo.
- BOUCHARD, M. *et al.* Base de données sur les études de cas en innovation sociale produite dans le cadre des études du CRISES, *Les Cahiers du CRISES*, no ET1602, 2016.
- CAMPAGNE, P.; PECQUEUR, B.. *Le développement territorial: une réponse émergente à la mondialisation*, Édition Charles Léopold Mayer, Paris, 2014.
- CODESOL, Séminaire. Sauvegarde du patrimoine artisanal, promotion du tourisme solidaire et dynamique locale de l'économie sociale et solidaire. 10 octobre 2016.
- HUBERMAN, A.; MILES, M. *Analyse des données qualitatives: recueil de nouvelles méthodes*, Bruxelles, De Boeck Université, Montréal: Éditions du Renouveau pédagogique, 1991.
- JOYAL, A. *La PME algérienne: l'état de la situation dans* Joyal, A., Sadeg, M. et Torrès O.,(sld), Paris, L'Harmattan. 2009.
- JOYAL, A.; CHÉRIFI, K. *La pertinence de l'innovation sociale comme facteur de revitalisation rurale: exemples québécois et kabyle*, Colloque CRISES, Montréal, UQAM,2017.